

A TRILOGIA PEIRCIANA: *CONTINUUM*, SEMIOSE ILIMITADA E FALIBILISMO*

THE PEIRCIAN TRILOGY: *CONTINUUM*, UNLIMITED SEMIOSIS AND FALLIBILISM

Rodrigo Caldas**

RESUMO

O pragmatismo é a filosofia sinequista e falibilista da práxis. Em Peirce, “sinequismo” é a doutrina da continuidade da experiência. A fenomenologia peirciana identifica as categorias gerais da experiência, a doutrina geral das categorias. As três categorias: qualidade, relação e representação, não passam de depuração lógico-ontológica dos fenômenos. A fenomenologia e as categorias fenomênicas da experiência (práxis) descrevem os fenômenos como contínuos e tendentes à generalidade. Assim, o conceito filosófico de continuidade (continuum) é estruturante do pragmatismo peirciano. A semiose é a continuidade fenomenológica inteligível pela ação mediacional do signo. A continuidade fenomênica só se torna cognoscível por meio da semiose, fenômeno constitutivamente tridimensional pois estruturado em objeto, signo e interpretante. O signo – e seu caráter mediacional e comunicativo – converte a práxis mecânica da continuidade física em práxis inteligível da continuidade cognitiva (semiose). A continuidade fenomenológica tendente à generalidade e a sua inteligibilidade por meio da semiose alicerçam-se na ontologia realista do pragmatismo: continuidade e generalidade são universais que independem do pensamento. O falibilismo, falibilidade do conhecimento, é a premissa metodológica que reconhece a ontologia realista que está na base da semiose. O pragmatismo, assim, erige uma epistemologia realista, sinequista e falibilista em que continuidade, semiose e falibilismo são conceitos estruturantes da práxis como experiência fenomenológica.

PALAVRAS-CHAVE: pragmatismo; *continuum*; semiose ilimitada; falibilismo.

ABSTRACT

Pragmatism is the synechistic and fallibilist philosophy of praxis. In Peirce, “synechism” is the doctrine of the continuity of experience. Peircian phenomenology identifies the general categories of experience, the general doctrine of categories. The three categories: quality, relation and representation, are nothing more than the logical-ontological purification of phenomena. Phenomenology and the phenomenal categories of experience (praxis) describe phenomena as continuous and tending towards generality. Thus, the philosophical concept of continuity (continuum) is the structuring of Peircian pragmatism. Semiosis is the phenomenological continuity intelligible through the mediational action of the sign. Phenomenal continuity only becomes knowable through semiosis, a constitutively three-dimensional phenomenon because it is structured into object, sign and interpretant. The sign – and its mediational and communicative character – converts the mechanical praxis of physical continuity into the intelligible praxis of cognitive continuity (semiosis). The phenomenological continuity tending towards generality and its intelligibility through semiosis are based on the realist ontology of pragmatism: continuity and generality are universals that are independent of thought. Fallibilism, the fallibility of knowledge, is the methodological premise that recognizes the realist ontology that is the basis of semiosis. Pragmatism, therefore, erects a realist, synechistic and fallibilist epistemology where continuity, semiosis and fallibilism are structuring concepts of praxis as a phenomenological experience.

KEYWORDS: pragmatism; *continuum*; unlimited semiosis; fallibilism.

* Artigo recebido em 20/05/2025 e aprovado para publicação em 20/06/2025.

** Mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas pela UFPB. Graduado em Ciências Jurídicas pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: autognomes@gmail.com.

1 PRAGMATICISMO: A EPISTEMOLOGIA SINEQUISTA E FALIBILISTA DA PRÁXIS

Na década de setenta, do século XIX, surgiu nos Estados Unidos a única corrente de pensamento genuinamente estadunidense. Transcorrido mais de um século, o Pragmatismo continua a ser a única escola de pensamento filosófico a ter brotado originariamente no continente americano (o neopragmatismo de Rorty e a filosofia analítica de Quine são tributários do pragmatismo clássico).

A geração de Charles S. Peirce (1839-1914) e William James (1842-1910) inovou na história das ideias do Ocidente; em torno do que ficou conhecido como o Clube Metafísico (*Metaphysical Club*), o Pragmatismo foi edificado por aquela que talvez seja a geração mais brilhante de intelectuais estadunidenses até hoje já vista.

Charles S. Peirce é responsável pela paternidade do termo, foi ele quem criou o nome Pragmatismo, mas coube a William James a popularidade do novel conceito filosófico nascido em solo estadunidense. Um adendo histórico se faz necessário, Charles S. Peirce era antes de tudo um homem de ciência, formado em química, trabalhou ao longo de trinta anos no Instituto Geodésico dos Estados Unidos, como astrônomo. Com forte formação matemática e rigoroso treinamento científico, Peirce definia-se como um lógico¹. Filho de um influente professor de Harvard, Benjamin Peirce (1809-1880), matemático e astrônomo, Charles S. Peirce tinha uma mente enciclopédica, mas com ênfase na lógica e metodologia da ciência. Em Peirce, filosofia e ciência dialogam em pé de igualdade.

O Pragmatismo não é uma doutrina filosófica, é um método². A máxima pragmática é o ponto de partida para o Pragmatismo que, em verdade, é a filosofia segundo a lógica e metodologia da ciência tais como as entendia Peirce. Em Peirce, o cientista adentra nas fronteiras da filosofia. A filosofia é reinterpretada por meio da lógica e metodologia da ciência

¹ One episode not recorded in his Class Book entry, but more often recalled in later life than any that is recorded there, was that of his introduction to logic, within a week or two of his twelfth birthday, in 1851. His older brother Jem was about to enter upon his junior year at Harvard College and had bought his textbook for the year. Among them was Whately's *Elements of Logic*. Charles drooped into Jem's room, picked up the Whately, asked what logic was, got a simple answer, stretched himself on the carpet with the book open before him, and over a period of several days absorbed its contents. Since that time, he often said late in life, it had never been possible for him to think of anything, including even chemistry, except as an exercise in logic. And so far as he knew, he was the only man since the Middle Ages who had completely devoted his life to logic (Peirce, 1993, p. XVIII).

² Pragmatism, contrary to the supposition of many persons, is for Peirce not a philosophy but only a method in philosophy. "The study of philosophy consists [...] in reflexion, and pragmatism is that method of reflexion which is guided by constantly holding in view its purpose and the purpose of the ideas it analyzes" (5.13 n. I) Pragmatism is "a wonderfully efficient instrument" (5.14) We must treat it as a more special case of that methodology which we have already discussed (Feibleman, 1960, p. 292).

que, segundo Peirce, é marcadamente indeterminada e incerta. Mais que uma aparente filosofia positivista (cientificista), o Pragmatismo é a epistemologia do sinequismo e falibilismo da práxis (experiência). Não por acaso, Charles S. Peirce renomeia sua filosofia para *Pragmaticismo*. Se o significado de um signo é delimitado pelo conjunto dos seus efeitos sensíveis (a máxima pragmática), o Pragmaticismo constrói uma epistemologia sinequista, pois a experiência cresce continuamente, e falibilista da práxis, pois o conhecimento nunca é absoluto, determinado e exato. À medida que pensamento e signo interagem em uma topografia da práxis (experiência), seu significado é delimitado pelo efeito concreto e experiencial dos signos. O Pragmaticismo peirciano delinea a cartografia de uma epistemologia sinequista e falibilista. A ação sensível alimenta e recorta o tecido sígnico (linguagem), na proporção que o consenso relativo e contextual de uma comunidade de investigadores constrói uma ética da investigação.

EVOLUCIONISMO, REALISMO E FALIBILISMO

O contexto cultural e ideológico no qual o Pragmatismo emerge é o século XIX, no pujante Estados Unidos da América, que após uma guerra fratricida, Guerra de Secessão (1861-1865), adquire unidade e dinamismo. O evolucionismo de Charles Darwin (1809-1882) ganha muita adesão no meio científico estadunidense, e o positivismo científico vive o seu auge no século XIX, expressando-se na filosofia de Augusto Comte (1798-1857) e na estética literária de Émile Zola (1840-1902). Vivia-se, então, uma crença inabalável no poder libertador do conhecimento científico, e o Pragmatismo foi a corrente de pensamento que surgiu ungida por esse caudal ideológico.

O Pragmatismo é indissociável do evolucionismo: para a filosofia de base científica estadunidense, não só as espécies biológicas estavam em contínua evolução, mas também a vida cultural. O evolucionismo de Darwin influenciou de forma tão vívida a mente dos filósofos do Pragmatismo que este passou a ter um traço indelével de biocentrismo. O Pragmatismo, sobretudo na interpretação de William James, ganha um viés biocêntrico e utilitarista. Sendo essa versão a que se popularizou nos meios culturais norte-americanos.

O realismo filosófico é o outro fundamento que compõe a tríade basilar do Pragmatismo. Se o Pragmatismo é antes de tudo um modo de pensar, baseado no método da ciência, parece inevitável crer que a realidade seja algo que exista independente do pensamento, não sendo uma criação deste. Charles S. Peirce, nesse ponto, divergirá de William James e, de resto, de toda a

filosofia moderna que desde Descartes tem no *cogito* a fonte da atividade filosófica. O Pragmatismo peirciano carrega o traço do anticartesianismo como reação ao nominalismo intrínseco ao racionalismo cartesiano³. Para o Pragmatismo de Peirce, a realidade não é fruto do *cogito*, ela existe por si e de forma independente do pensamento.

Se a realidade, segundo o Pragmatismo, é tudo o que existe independente do pensamento e que lhe resiste e precede, o Falibilismo é o princípio que completa a tríade do Pragmatismo peirciano (evolucionismo, realismo e falibilismo), uma vez que pensar segundo uma mente científica é formular hipóteses falseáveis pela experiência. O Falibilismo é uma postura metodológica que decorre da concepção de que o mundo está em evolução e que a realidade não é uma criação de nossos pensamentos e desejos, antes, resiste a eles. Assim, a forma de pensar científica deve presumir a falibilidade humana em conhecer a realidade que está em contínua evolução. O Pragmatismo, a filosofia segundo o método científico, traz em si sua tríade fundadora: a evolução, o realismo e o falibilismo. Pensamos por meio de hipóteses falseáveis, em choque com a realidade que se nos resiste e que está em permanente evolução. Se o que caracteriza o método científico é a presunção da falibilidade humana; o Pragmatismo, como filosofia baseada nesse método, presume a realidade como algo independente mas acessível ao pensamento, que dela se aproxima por um *continuum* que revisa permanentemente sua experiência. Constrói, assim, uma epistemologia da práxis, em que as hipóteses falseáveis são continuamente revisáveis no interior de uma comunidade de investigadores na qual a ética da investigação é regida pela máxima do Falibilismo Metodológico.

DO PRAGMATISMO NOMINALISTA AO PRAGMATICISMO REALISTA

Quando Charles S. Peirce formula o Pragmatismo, na década de 70 do sec. XIX, o que domina a sua atenção é a questão lógica e metodológica. Não podemos esquecer que Peirce era um cientista de laboratório e matemático, assim, a questão lógica exerce um papel central em sua filosofia. Isso fica evidente na série de artigos publicados por Charles Peirce, chamados *Ilustrações da lógica da ciência* (*Illustrations of the logic of science*, 1877-1078), como

³ Peirce was helped toward the development of his metaphysics by a complete rejection of the Cartesian philosophy. Peirce found himself in sympathy with almost nothing that Descartes had pronounced. “Descartes was a nominalist” (1.19) for whom Peirce did not have even the respect he had for other nominalists, such as Ockham (4.1) (Feibleman, 1960, p. 69).

Fixação da crença (Fixation of belief, 1877) e *Como tornar claras nossas ideias (How to make our ideas clear, 1878)*. Artigos que acentuam a centralidade da lógica no Pragmatismo.

O Pragmatismo de Peirce, em sua primeira fase, é marcado pela centralidade da lógica e influenciado pela filosofia kantiana. Essa fase poderia ser chamada de lógica transcendental peirciana, em que Peirce volta-se para investigações no campo da lógica e a formulação de uma teoria transcendental dos signos caracterizada pela expansão da lógica clássica para abranger todos os signos, não apenas os símbolos. Signo, para Peirce, é tudo o que está em lugar de outro para alguém sob algum aspecto. O signo é, assim, algo vicário (está em lugar de outro) e indeterminado. Os símbolos são espécies de signos com elevada carga de convenção social.

Em um segundo momento, Peirce amplia seu foco de atenção, agora para a metafísica, a teoria da realidade. A influência kantiana cede espaço para a filosofia realista de John Duns Scotus, surgindo, então, o que Charles S. Peirce chamará de Pragmaticismo. Aqui um rápido adendo de História da Filosofia se impõe; na querela medieval dos escolásticos sobre o problema dos universais, surgiram duas grandes correntes: a nominalista capitaneada por Guilherme de Ockham (1285-1347); e a realista, liderada por John Duns Scotus (1266-1308). E em que consistia o problema dos universais? Consistia em saber se os universais (conceitos gerais e abstratos) eram uma criação da mente humana, sem uma verificação real; ou se os universais tinham uma realidade própria e independente da mente humana. Para os nominalistas, os universais não têm uma realidade objetiva, sendo meros “nomes” (*flatus vocis*) criados pelos seres humanos; já para os realistas, os universais gozavam de uma realidade objetiva e independente da mente humana. Duns Scotus, por exemplo, acreditava na realidade de dois universais: possibilidade e generalidade. Para os nominalistas só existem os individuais, as generalidades são apenas nomes.

Nessa querela da filosofia medieval, Charles S. Peirce vai encontrar a base histórica do realismo filosófico. No fundo, o problema dos universais é mais antigo, remonta à filosofia clássica grega. O que os escolásticos chamavam de universal, era o mesmo que os gregos chamavam de categorias. Os realistas adotam uma postura idealista (doutrina da realidade das ideias) como a de Platão; os nominalistas, adotam uma interpretação individual e naturalista, como a de Aristóteles, mais próxima do materialismo (doutrina que só aceita a realidade da matéria)⁴.

⁴ Al proponer al lector un libro sobre la cuestión de los universales, desde Platon al final de la Edad Media, queremos argumentar una tesis simple: el problema medieval de los universales es una figura del debate que, desde la Antigüedad tardía, opone y reúne a la vez al platonismo y al aristotelismo (De Libera, 2016, p. 14). O

O Pragmaticismo, assim, vai além da lógica e da doutrina transcendental dos signos, adentra nos domínios da metafísica, da teoria da realidade, pensando-a em termos realistas no sentido escotista. Para Peirce, a realidade da possibilidade e da generalidade são consequências da continuidade, princípio constitutivo do mundo fenomênico e base estruturante do Pragmaticismo.

Assim, se o Pragmatismo dos anos 70 do sec. XIX nasce kantiano e centrado em questões de lógica e metodologia, o Pragmaticismo nasce nos anos 90 do mesmo sec. XIX e adentra nos domínios da metafísica e abraça o realismo escolástico de Duns Scotus. Peirce pensa e formula a metafísica por meio do método científico, tendo na continuidade dos fenômenos sua premissa derivada da experiência. O realismo peirciano é naturalista e evolucionário, daí Peirce, em certo momento, nominar sua filosofia de Idealismo Objetivo, pois se a generalidade e a continuidade são universais, essa continuidade é naturalista (experiencial) e evolucionária. O Pragmaticismo realista peirciano é evolucionário (*continuum*) e naturalista, pois se alimenta da práxis dessa ação evolutiva.

2 O CONTINUUM VERDADEIRO COMO CONCEITO ESTRUTURANTE DO PRAGMATICISMO

FENOMENOLOGIA: AS TRÊS CATEGORIAS DA EXPERIÊNCIA

Fenomenologia ou faneroscopia, a teoria dos fenômenos (*phaneron* do grego φανερός [*phaneros*] visível, manifesto) consiste em descrever e classificar os fenômenos. A fenomenologia não indaga sobre a verdade dos fenômenos mas sim descreve e classifica o universo dos fenômenos. O termo fenomenologia, usado por Peirce, foi influenciado pela obra hegeliana: *Fenomenologia do espírito* (*Phänomenologie des Geistes*, 1807). Na História da Filosofia existem várias fenomenologias, ainda que nem sempre se use esse termo. A fenomenologia de Aristóteles, por exemplo, era baseada na linguagem; a fenomenologia kantiana lastreava-se na lógica. O que caracteriza a fenomenologia peirciana é que esta se fundamenta na experiência. Charles S. Peirce usa o método científico para descrever, analisar e classificar os fenômenos. Como químico que era, Peirce fez a depuração do mundo

Problema dos Universais formulado na filosofia medieval, como sustenta Alain de Libera, remete a uma questão prévia e constitutiva da filosofia clássica antiga, a discussão entre platônicos e aristotélicos em torno do conceito de categorias. Charles S. Peirce ao adotar o realismo scotista toma partido dos escolásticos realistas, por serem mais consistentes com o conceito de “realidade” como algo independente da mente. Não por acaso, Peirce se definirá como um idealista objetivo.

fenomênico, analisando não elementos químicos, mas os *fanerons*, os fenômenos tais quais manifestados na experiência.

Em verdade, a fenomenologia peirciana identifica as categorias gerais da experiência, a doutrina geral das categorias. As três categorias básicas da experiência, segundo Peirce, fazem uma depuração da experiência que é contínua, assim as categorias cenopitagóricas (ou fenomenológicas) têm um valor lógico-ontológico, mas a experiência é intrinsecamente contínua.

As três categorias: qualidade, relação e representação, não passam de depuração lógico-ontológica dos fenômenos. O fenômeno é tudo o que se manifesta, apresenta-se à mente. O fenômeno, assim, é experiencial e contínuo (práxis). A categoria primeira (*firstness*) é caracterizada por ser uma qualidade monádica contínua. Esse conceito não é trivial, está na base da filosofia peirciana. Não compreender a natureza da fenomenologia para a filosofia de Peirce e dentro dela o conceito de primeiridade como qualidade monádica contínua é não entender o restante da filosofia peirciana: o pragmatismo. A categoria segunda (*secondness*) descreve o existente, a relação constitutiva do fenômeno. A categoria terceira (*thirdness*) descreve o fenômeno traduzido em signo, como fenômeno mediacional, cognitivo e comunicativo. Assim, da qualidade como potencialidade virtual, passando pelo existente relacional, até a significação da representação, o fenômeno é um fluxo contínuo. Primeiridade, secundidade e terceiridade são classificações lógico-ontológicas do fluxo fenomênico. Tanto que um fenômeno só se torna inteligível quando traduzido por um signo, é quando se torna significativo. Não é possível pensar sem signos, afirma Peirce. Os signos são fenômenos tornados significativos, a qualidade e a relação são estágios fenomênicos pré-significativos que compõem a gênese do significado.

A fenomenologia e as categorias fenomênicas da experiência descrevem e classificam a gênese do fenômeno como unidade da experiência. Fenômeno constitutivamente contínuo e que apenas por depuração lógico-ontológica permite a identificação das três categorias básicas da experiência. A qualidade (possibilidade) e a relação (existente) são estágios pré-significativos da gênese fenomênica, a representação (generalidade) é o fenômeno significativo, o fenômeno traduzido por um signo e tornado inteligível (cognoscível).

FIRSTNESS E CONTINUIDADE

Na fenomenologia peirciana há um conceito-chave que muitas vezes passa despercebido exatamente por sua centralidade, o conceito filosófico de primeiridade (*firstness*). Como

observa Feibleman (1960, p. 156)⁵, Peirce nos dá algumas dicas sobre a centralidade desse conceito como “ideia daquilo que tal como é, como uma qualidade de sentimento”. Em várias passagens da imensidão dos textos de Peirce, bem como da sua fortuna crítica, a primeiridade aparece como qualidade de sentimento (*quality of feeling*). O que nos induz a um erro, pois segundo a metafísica realista de Peirce, sentimento não é atributo exclusivamente ao humano. O conceito filosófico de primeiridade é antes uma mônada contínua em que sujeito e objeto encontram-se indiferenciados.

Segundo Ivo Ibri (2008, p. 230): “Para Peirce, todo o mundo natural contém, em maior ou menor escala, sentimento, capacidade de sentir – esta é a presença da primeiridade em teores diferenciados nos diversos reinos naturais: da matéria inorgânica à mente humana há uma gradação de sensibilidades distintas”. Assim, a qualidade de sentimento que caracteriza a primeiridade não pode ser interpretada em termos dualistas subjetividade/objetividade. Antes, é uma mônada contínua e indistinta. A filosofia peirciana tem uma premissa que não pode ser esquecida: na natureza todas as coisas tendem à generalidade, daí advêm as leis da natureza e o hábito como regras de ação. A generalidade e a possibilidade são, para o realismo, dois universais que existem por si; assim, a primeiridade (*firstness*) como categoria fenomenológica trata da possibilidade que os fenômenos têm de continuamente generalizar-se. A qualidade de sentimento (*quality of feeling*) deve ser interpretada não em termos dualistas mente/matéria, mas em termos monádico e contínuo, como categoria primeira de possibilidade que acompanha os fenômenos em sua gênese formativa.

As implicações do pragmatismo transcendem, assim, um mero processo de validação do significado: em verdade ele é uma regra de crescimento e aprendizagem que se baseia num amplo diálogo semiótico, num comércio de signos franqueado pela indiferenciação entre mundo interior e mundo exterior (Ibri, 2008, p. 231).

A primeiridade é uma categoria fenomenológica que só é experienciada como qualidade de sentimento pela interioridade (que não se confunde com subjetividade, pois interioridade e exterioridade em Peirce não têm a mesma equivalência de subjetividade e objetividade; são, antes, faces interior e exterior da continuidade monádica da experiência), como contemplação, como “qualissigno”. Na face exterior a primeiridade se manifesta como singularidade, aquilo

⁵ “The first of Peirce’s three fundamental ontological categories is that of firstness. Category the First is the idea of that which is such as it is regardless of any thing else. That is to say it is a Quality of Feeling”.

que não pertence a classes ou categorias, por não compartilhar predicados comuns, sendo, assim, um primeiro.

Sob a premissa de que na natureza tudo tende à generalidade. De que sentimentos, leis e hábitos são estados da natureza, não atributos exclusivamente humanos, em contínua expansão e generalização, a primeiridade (*firstness*) é uma categoria da experiência fundamental, sem a qual a metafísica realista do pragmaticismo se torna incompreensível. Como se afirmou, a primeiridade é uma mônada contínua em que sujeito e objeto encontram-se indiferenciados, sendo possibilidade de generalidade em formação. A generalidade, tendência natural, só pode ser exibida em sua forma inteligível por uma mente na temporalidade da relação (*secondness*), abrindo-se para a autoconsciência e cognição (*thirdness*). A primeiridade é a qualidade de sentimento que apreende a possibilidade de generalidade que está na gênese fenomênica, como experiência monádica e contínua que aponta para a tendência de generalidade dos fenômenos.

O CONCEITO DE CONTINUIDADE EM ARISTÓTELES E KANT

Peirce não foi o primeiro filósofo a se deparar com o controverso conceito de continuidade (*continuity*); em verdade, o conceito de continuidade permeou séculos de debates filosóficos. Os Pitagóricos defendiam que todas as coisas tinham um número e que os próprios números eram dotados de realidade própria. O ideal da *Mathesis Universalis* que está na base da ciência moderna que sonha em descrever matematicamente o mundo remonta a um ideal pitagórico. Segundo os pitagóricos, todas as coisas têm um número e nada poderia ser compreendido sem o auxílio deles. Para dar sustentação ao ideal matemático dos pitagóricos, estes formularam a teoria das mônadas que consistia em estabelecer uma analogia entre o mundo material e os números. Segundo a teoria pitagórica das mônadas todas as coisas eram constituídas de corpúsculos de extensão não nula, chamadas de mônadas.

A engenhosa teoria das mônadas dos pitagóricos abre espaço para Zenão de Eleia (490-430 a.C) e seus paradoxos. Segundo os filósofos pitagóricos, uma reta é um conjunto de mônadas, sendo a mônada um corpúsculo com a menor extensão conhecida. Zenão então questiona que, se uma reta é constituída de mônadas, como é possível distingui-las na continuidade de uma reta sem que elas se dissolvam na própria reta? Se as mônadas são os corpos de menor extensão e se elas compõem uma reta, então seria possível existir algo entre um corpúsculo e outro de forma indefinida, pois se as mônadas são o que de menor extensão

há, sempre existirá algo entre uma mônada e outra. Se tudo o que existe tem um número, então Zenão questiona: qual o número de um segmento de reta? Zenão de Eleia aponta para as contradições da teoria pitagórica das mônadas, por meio dos paradoxos de Aquiles e a tartaruga, e da flecha, desvelando, assim, o problema da continuidade e seu tratamento filosófico. “Desde seu aparecimento na filosofia grega até nossos dias, formularam-se inúmeras teorias sobre o conceito de *continuum*, dentre as quais se encontram a teoria de Aristóteles. O continuum aparece em seu pensamento como ‘algo sucessivo de algo’” (Silva, 2010, p. 31). Para Aristóteles (384-322 a.C), o problema da continuidade se resolveria como sucessão e contiguidade, para quem continuidade é a grandeza cujas partes estão unidas por um limite comum. Aristóteles entendia os paradoxos propostos por Zenão como meros sofismas. Os gregos antigos não formularam matematicamente o conceito de infinito, daí a inconsistência do tratamento filosófico do conceito de continuidade dos pitagóricos a Aristóteles.

Immanuel Kant (1724-1804) enfrentou o problema da continuidade como uma infinita divisibilidade entre dois pontos. Para o filósofo alemão, o problema da continuidade residiria na divisão do real pelo fenômeno, sendo a continuidade o produto da justaposição de duas descontinuidades, a coisa em si e o fenômeno⁶.

Charles S. Peirce identifica o ponto comum da imprecisão do conceito de continuidade em Aristóteles e Kant; no primeiro a infinita série de sucessão dentro de um limite, no segundo uma infinita divisão entre dois pontos. Em ambos a falta de um conceito matemático de infinito que só viria a surgir em meados do sec. XIX, com a teoria dos números transfinitos de Georg Cantor (1845-1918).

O CONTINUUM VERDADEIRO DE PEIRCE E O INFINITO MATEMÁTICO

O infinito foi um conceito que não encontrou formulação matemática até meados do sec. XIX, quando o gênio lógico e imaginativo de Georg Cantor começou a desvendar o universo matemático das grandezas infinitas. É intuitivo, desde a geometria euclidiana, que o todo é maior do que a parte. Esse raciocínio é correto, quando tratamos de grandezas finitas, mas o mesmo não ocorre no mundo do infinito. Pela teoria dos conjuntos e da correspondência biunívoca entre dois conjuntos, Cantor demonstrou que o conjunto dos números naturais é do

⁶ Segundo Peirce (CP 6.166 *apud* Continuity in Bergman; Paavola, 2014): “[...] I made a new definition, according to which continuity consists in Kanticity and Aristotelicity. The Kanticity is having a point between any two points. The Aristotelicity is having every point that is a limit to an infinite series of points that belong to the system”.

mesmo tamanho dos números pares, subconjunto dos naturais, pois postos em correspondência biunívoca os números naturais correspondem aos números pares. Nesse caso, a parte é do mesmo tamanho do todo, o que viola a regra do senso comum do universo finito, sendo, entretanto, logicamente consistente em se tratando de grandezas infinitas que seguem um estatuto lógico próprio.

Além da teoria dos conjuntos infinitos e da correspondência biunívoca entre eles, Cantor descobriu o universo dos números transfinitos, identificando que quando se fala em infinito, não se fala em apenas um infinito, mas vários. E dando um passo ao infinito, Cantor descobriu que não apenas existem vários infinitos mas que uns são maiores do que outros. Ao usar a técnica da correspondência biunívoca entre os números naturais e os reais, verificou-se que, embora infinitos, os reais não se correspondiam em uma ligação biunívoca aos números naturais, sendo ambos conjuntos infinitos, os reais eram maiores do que os naturais⁷.

Charles S. Peirce era matemático e sofreu influência dos estudos de Cantor a quem reputou as maiores realizações no campo da matemática no sec. XIX. Insatisfeito com o tratamento filosófico do conceito de continuidade em Aristóteles e Kant, Peirce formulou, com base nas conquistas matemáticas de Cantor e Dedekind, o conceito de *continuum* verdadeiro.

O conceito de continuidade, característica constitutiva da própria realidade, é basilar e estruturante de todo o pragmaticismo. O que Peirce chama de *continuum* verdadeiro vincula-se à noção de unidade e fenômeno como algo que se manifesta em sua unicidade à consciência. Tomemos o exemplo de Zenão, do segmento de uma reta, a quantidade de pontos é infinita, mas o que nos permite tomar o segmento de reta como unidade? Para Peirce, o conceito de continuidade coincide com o de generalidade perfeita, o segmento de reta constituído por uma quantidade infinita de pontos só é tomada como unidade, pois conjuga o infinitesimal do conjunto dos pontos pela conexão imediata que há entre eles em uma só qualidade de sentimento (*quality of feeling*).

Assim, o *continuum* verdadeiro peirciano identifica os elementos morfológicos da continuidade: (1) **quantitativo infinitesimal**; (2) **conexão imediata** entre os elementos desse

⁷ Observa-se na obra de Cantor a afirmação de que: se cremos que Aquiles alcança a tartaruga, devemos crer em um paradoxo ainda mais arrojado de que ‘o todo não é maior que muitas de suas partes’. Sem dúvida alguma, a obra de Cantor foi para a matemática, informativa, pois nos trouxe a consideração importante de que a aritmética do finito é diferente da do infinito e não se podem aplicar leis de uma à outra. Em outras palavras, o que é verdadeiro para o finito é falso para o infinito e vice-versa. Em sua teoria, começa por definir classe infinita assim: “É aquela que tem a inconcebível propriedade do todo não ser maior que muitas de suas partes”, sendo essa informação básica para infinito da mesma forma que o princípio euclidiano é básico para o finito (Marques, 1993, p. 45).

quantitativo infinitesimal; (3) **qualidade de sentimento**. A cor verde quando se manifesta fenomenologicamente o faz como unidade, a infinidade de seus elementos estão imediatamente conectados em uma qualidade de sentimento incindível. Já quando a vemos estampada na bandeira brasileira, essa unidade se decompõe e confronta com as outras cores constitutivas de um símbolo, bandeira, dentro de uma codificação cultural. O que o *continuum* verdadeiro de Peirce faz, é dissecar os elementos morfológicos da continuidade válidos genericamente para qualquer fenômeno. **Infinidade, conexão imediata e qualidade de sentimento** compõem uma só unidade contínua na constituição fenomênica⁸.

3 SEMIOSE ILIMITADA COMO *CONTINUUM* COGNITIVO SEMIOSE COMO UNIDADE TRIDIMENSIONAL DA COGNIÇÃO

A experiência fenomênica, segundo a fenomenologia peirciana, pode ser agrupada em três categorias estruturais: qualidade, relação e representação; qualidade e relação são categorias pré-significativas da experiência fenomênica, sendo a representação o fenômeno tornado significativo, logo mediacional, inteligente e comunicativo.

As categorias pré-significativas da experiência fenomênica, qualidade e relação, abarcam as ações mecânicas (*dynamicalaction*), as interações regidas pelo acaso fortuito e necessidade mecânica. As categorias pré-significativas da experiência, assim, são monádicas (qualidade de sentimento) ou diádicas (relação existencial)⁹.

A *representação* abrange a categoria das experiências fenomênicas significativas, ou seja, traduzidas por um signo, sendo irredutivelmente tridimensionais. Essa categoria de fenômenos chama-se “semiose”, que normalmente é definida como a “ação do signo”; em verdade refere-se a toda uma ampla categoria de fenômenos irredutivelmente tridimensionais em que é possível identificar três dimensões: objeto, signo e interpretante. Se os fenômenos pré-significativos são monádicos ou diádicos, os fenômenos significativos são irredutivelmente triádicos ou tridimensionais. Se os fenômenos pré-significativos são regidos

⁸ Para o sujeito ver as cores como elas se apresentam, deve-se levar em consideração as ideias de conexão imediata, quantidade infinitesimal e sentimento, que são elementos básicos para a sua formação. Se faltar qualquer um desses elementos, não haverá apresentação. Como já foi dito, esses elementos básicos constituem o *continuum* verdadeiro (Silva, 2010, p. 72).

⁹ Segundo Peirce (Pragmatism, EP 2:411, 1907 *apud* Semiosis in Bergman; Paavola, 2014): “It is important to understand what I mean by semiosis. All dynamical action, or action of brute force, physical or psychical, either takes place between two subjects (whether they react equally upon each other, or one is agent and the other patient, entirely or partially) oratory rate is a resultant of such actions between pairs”.

pelo acaso fortuito e a necessidade mecânica, os fenômenos significativos são mediacionais, inteligentes e comunicacionais. Os fenômenos pré-significativos são constituídos por *qualidade de sentimento* e ação mecânica (*dynamical action*), os fenômenos significativos são constituídos pela ação inteligente, cujo motor metafísico (teoria da realidade) é o amor criativo, sendo chamados por Peirce de *semiose* no plano lógico ou semiótico (ciência normativa). Assim, semiose é mais que a ação do signo, é o *continuum* que seguindo a lei da generalização transpõe a fronteira da ação mecânica e se converte em ação inteligente, mediacional e comunicativa¹⁰.

A semiose é uma categoria fenomênica que abrange os fenômenos significativos, as interações mediadas por um terceiro, signo. Assim, o *continuum* fenomenológico se torna inteligível, cognoscível. Nestes termos, esse *continuum* cognitivo, semiose, tem sua menor unidade na tridimensionalidade do objeto, signo e interpretante. Onde o **objeto** é o fenômeno conhecido por uma mente, o **signo** é aquilo que representa o objeto para uma mente e o **interpretante** é o efeito que objeto e signo imprimem nessa mente. A semiose é a ação inteligente cuja unidade é tridimensional constituindo-se em um *continuum* cognitivo exatamente porque essa continuidade não se esgota em uma cognição: ela segue uma cadeia infinita de cognições possíveis. A noção da continuidade como quantitativo infinitesimal é intrínseca ao conceito filosófico de semiose ilimitada, ela é ilimitada porque como *continuum* cognitivo, a semiose não é finita. A unidade tridimensional da semiose, o *continuum* cognitivo, não é redutível a pares, entre a objetividade da realidade e a subjetividade de uma consciência inteligente há a mediação sîgnica da linguagem. Não se pode pensar sem signos; assim, a realidade objetiva nunca é alcançada em sua totalidade, integralidade. É ação inteligente, pois é semiose, fenômeno mediacional, irreduzivelmente tridimensional¹¹.

¹⁰ Essa compreensão subjaz no texto de Peirce (Pragmatism, EP 2:411, 1907, apud Semiosis in Bergman: Paavola, 2014), em suas palavras: “But by ‘semiosis’ I mean, on the contrary, an action, or influence, which his, or involves, a coöperation of three subjects, such as a sign, its object, and its interpretant, this tri-relative influence not being in anyway resolvable into actions between pairs”.

¹¹ Semiosis. A term originally used by Charles S. Peirce to designate any sign action or process; in general, the activity of a sign [...]. For Peirce, semiosis is an irreducibly triadic process in which an object generates a sign of itself and, in turn, the sign generates an interpretant of itself. This interpretant in its turn generates a further interpretant, ad infinitum. Thus semiosis is a process in which a potentially endless series of interpretants is generated (Colapietro, 1993, p. 178).

A SEMIOSE COMO OBJETO DA LÓGICA DO PRAGMATICISMO OU SEMIÓTICA

A fenomenologia peirciana descortinou as categorias da experiência (que Peirce nominou de primeiridade, segundidade e terceiridade) bem como o princípio da continuidade fenomênica e sua tendência natural a um grau crescente de abstração.

Na arquitetura fenomênica dos saberes, Peirce organizou o conhecimento em um grau crescente de abstração. Não o fez por uma escolha pessoal, mas por uma imposição da experiência fenomenológica. Nessa arquitetura dos saberes, a matemática é a rainha das ciências, pois a mais genérica. A filosofia vem mais abaixo, ocupando uma posição privilegiada devido ao seu grau elevado de abstração; em seguida vêm as ciências especiais (as demais ciências conhecidas). Assim, a filosofia, para Peirce, fornece modelos conceituais e elementos metodológicos para as demais ciências, sendo uma espécie de ciência matricial das demais ciências.

A filosofia peirciana, o Pragmaticismo, baseada no método científico, foi pensada como um método de construir metodologias para as ciências especiais. O Pragmaticismo, segundo o filósofo estadunidense, não é uma doutrina filosófica, é um método; mas um método de quê? O pragmaticismo é um método de análise do conteúdo intelectual de conceitos filosóficos, em um sentido mais amplo, propõe-se a aferir o real significado dos signos. Se os signos são o veículo da semiose, ação inteligente, o Pragmaticismo é o método que se propõe a mensurar a experiência que esses signos carregam e até que ponto eles estão ou não em consonância com a realidade. O Pragmaticismo, assim, constitui-se em uma epistemologia da práxis, em que a experiência concreta delimita o significado dos signos¹².

A filosofia na perspectiva do Pragmaticismo, divide-se em: 1) **Fenomenologia**; 2) **Ciências normativas**; 3) **Metafísica científica**. A fenomenologia ocupa-se da descrição e classificação dos fenômenos da experiência; as ciências normativas formulam a antropologia à luz dessa fenomenologia da experiência, Estética, Ética e Lógica e têm por objeto respectivamente o sentimento, conduta e pensamento. A metafísica científica busca capturar a estrutura da realidade em seus elementos constitutivos: continuidade, possibilidade e generalidade.

A semiose, o *continuum* cognitivo, é objeto de estudo da lógica ou semiótica. Para Peirce, a semiótica era a lógica expandida para apreender todos os signos envolvidos no *continuum*

¹² Nas palavras de Peirce (1998, p. 45): “It appears, then, that the rule for attaining the third grade of clearness of apprehension is as follows: Consider what effects, that might conceivably have practical bearings, we conceive the object of our conception to have. Then, our conception of these effects is the whole of our conception of the object”.

cognitivo; normalmente define-se a semiótica como a teoria dos signos, o que é parcialmente verdade, a semiótica tem por objeto a semiose, a ação inteligente mediada por signos. Na arquitetura dos saberes da filosofia peirciana, a semiótica é a lógica do Pragmaticismo¹³.

Se o termo Pragmaticismo assinala a distinção realista da metafísica adotada por Peirce, diferenciando-o dos demais filósofos do pragmatismo nominalista como William James e John Dewey, semiótica, termo cunhado por Charles S. Peirce, marca também a base lógico-filosófica de sua teoria dos signos, que a distingue da semiótica de base linguística europeia que só emergiria décadas após o seu falecimento já no século XX.

A semiótica (ou semeiótica) é, assim, a lógica do Pragmaticismo, dividindo-se em três áreas: 1) Gramática Especulativa; 2) Lógica Crítica; 3) Retórica Especulativa. Essa tríplice divisão da semiótica peirciana remete, inevitavelmente, ao *trivium* escolástico e à influência do realismo de John Duns Scotus. A **Gramática Especulativa** é a Teoria Geral dos Signos, identificando sua tipologia, propriedades e classificação; a **Lógica Crítica**, de influência kantiana, ocupa-se dos modos de apreensão da verdade (tipos de inferência: abdução, indução e dedução) e dos modos de sua transmissão, uma verdadeira lógica transcendental peirciana; já a **Retórica Especulativa** ocupa-se da Teoria dos Interpretantes e da Ética do Discurso da Ciência, a retórica da comunicação na comunidade dos investigadores.

Veja-se que a semiótica, em Peirce, é bem mais que a teoria dos signos, é a teoria da semiose, a ação inteligente mediada pelos signos e que compõe o *continuum* cognitivo fenomenológico. Essa ação inteligente mediada por signos constitui-se em uma práxis concreta, daí se afirmar que o Pragmaticismo peirciano edifica uma epistemologia e uma metodologia da práxis.

4 FALIBILISMO COMO OBJETIVAÇÃO DO *CONTINUUM* VERDADEIRO E DO REALISMO METAFÍSICO

FALIBILISMO COMO PRINCÍPIO EPISTÊMICO DA CONTINUIDADE METAFÍSICA DA REALIDADE

A fenomenologia peirciana, baseada na experiência acessível, descortina as categorias estruturantes da experiência: qualidade, relação e representação. As categorias fenomenológicas

¹³ “Se nos perguntarmos o que é que os estudos semióticos investigam, a resposta deve ser uma única palavra: ação. A ação dos signos. [...] Foi somente em cerca de 1906, todavia, que a ação peculiar aos signos foi singularizada como um campo distinto de investigação possível e batizada com um nome próprio. O investigador responsável pela singularização desse campo em si mesmo, e não através da sua adjacência a outras linhas de investigação imediata, foi Charles Sanders Peirce, e o nome com que ele o batizou foi *semiose*” (Deely, 1990, p. 41-42).

(chamadas por Peirce de cenopitagóricas) permitem a descrição da gênese e evolução do mundo fenomênico, dos fenômenos pré-significativos aos fenômenos significativos, mediados por signos; assim, a passagem da ação mecânica para a ação inteligente (semiose). A fenomenologia peirciana da experiência desvela a inexorabilidade da continuidade. O real é contínuo e tende a um grau crescente de generalização. A possibilidade e a generalidade são universais (categorias) que existem independentes da mente humana.

A continuidade é um princípio ao mesmo tempo constitutivo e estruturante da realidade. Entre a ação mecânica, regida pelo acaso fortuito e a necessidade mecânica, e a ação inteligente, regida pelo amor criativo (atração pela afinidade), não há ruptura mas sim continuidade. Os fenômenos significativos apenas tornam o fenômeno inteligível para uma mente por meio de tridimensionalidade do *continuum* cognitivo, o mundo inteligível da semiose.

A doutrina do Falibilismo, formulada por Peirce, é uma decorrência do princípio da continuidade¹⁴. Essa afinidade entre o princípio da continuidade e a doutrina do Falibilismo decorre da própria natureza da ação inteligente ou semiose, a atividade cognitiva é irreduzivelmente tridimensional; assim, o objeto é continuamente desvelado pelo signo em sucessivas cadeias de semioses, em que os interpretantes induzem novas semioses. O objeto cognoscível é inesgotável; a cada objeto imediato (objeto imediatamente revelado pelo signo) que se revela a uma mente pela lente de um signo, dinamicamente o objeto se reelabora, o interpretante imediato (efeito imediato de um signo sobre uma mente) remete a uma cadeia de interpretantes dinâmicos possíveis (efeitos mediatos e logicamente possíveis dos signos sobre a mente). Assim, a realidade é acessível apenas relativamente, relacionalmente, em que as mentes dessa relação cooperam para desvelar a realidade (objeto, signo e interpretante) sem, contudo, esgotá-la. O signo é vicário (está em lugar de outra coisa) e indeterminado, daí decorrendo a natureza indeterminada e incerta da cognição. A doutrina do Falibilismo é uma decorrência lógica da natureza relacional do conhecimento, sujeito a erros e correções e nunca a certezas absolutas.

A doutrina do Falibilismo é uma das mais belas e ricas formulações filosóficas exatamente por decorrer da experiência acessível e verificável (práxis), em consonância com o espírito científico que está na base do Pragmaticismo. O Falibilismo, enquanto doutrina,

¹⁴ Nas palavras de Peirce (Fallibilism, Continuity, and Evolution, CP 1.171, 1893 *apud* Fallibilism in Bergman; Paavola, 2014): “Let me call your attention to the natural affinity of this principle to the doctrine of fallibilism. The principle of continuity is the Idea of fallibilism objectified. For fallibilism is the doctrine that our knowledge is never absolute but always swims, as it were, in a continuum of uncertainty and of indeterminacy. Now the doctrine of continuity is that all things so swim in continua”.

expressa-se como princípio epistêmico mais compatível com a continuidade metafísica da realidade. A continuidade da realidade impõe o Falibilismo ao empreendimento científico de desvelar a verdade.

OS MÉTODOS DE FIXAÇÃO DE CRENÇA E O FALIBILISMO DE PEIRCE

A semiose, ação do signo, abrange os fenômenos mediacionais e cognoscíveis, o que na fenomenologia peirciana chama-se de *terceiridade* (*thirdness*), o domínio da ação inteligente. Um conceito-chave da filosofia peirciana é o do signo-pensamento. Em apertada síntese, os fenômenos cognitivos são irreduzivelmente tridimensionais (objeto, signo e interpretante), assim, onde há pensamento, lá também haverá o signo. O pensamento é ação mediada por signo (ação inteligente). Mas o que move o pensamento e para onde ele tende? Em um artigo de 1877 (*The fixation of belief*), Peirce afirma que o que move o pensamento é a dúvida (estado psicológico), ou melhor, o estado de desconforto psicológico causado pela dúvida. O pensamento tende para a crença (estado psicológico de conforto), apacando o desconforto psíquico da dúvida e se convertendo em um hábito e, assim, em uma regra de ação. Em uma perspectiva psicológica, oscilamos entre estados mentais de dúvidas e crenças, em que a dúvida é o gatilho do pensamento (signo-pensamento) e a crença é o hábito mental (interpretante) para onde o pensamento tende e se estabiliza, pelo menos por um tempo. A matéria-prima dessa convulsão de signos-pensamentos é a experiência, um intrincado novelo de semioses em contínuo crescimento, exigindo uma contínua revisão e reacomodação de dúvidas e crenças.

No artigo *A fixação da crença* (*Fixation of belief*), Peirce identifica os seguintes métodos de fixação de crenças: 1) **Método da tenacidade**; 2) **Método da autoridade**; 3) **Método *a priori***; 4) **Método científico**¹⁵. Identificando os tipos metodológicos de fixação de crenças, o **método da tenacidade** caracteriza-se pela escolha subjetiva de uma crença e pela sua defesa cega, sanguínea, tenaz. A vantagem do método da tenacidade é a imediata ausência de dúvidas e conflitos, sendo a metodologia mais adequada para a pronta ação e diligência. O ponto de fragilidade de tal método é sua arbitrariedade e idiosincrasia. Já o **método da autoridade** é baseado no “argumento de autoridade”, seja essa autoridade pessoal ou institucional. O método da autoridade é extremamente eficaz para se atingir a adaptação e o equilíbrio social, gerando estabilidade social lastreada na “economia de esforço”, pois a crença é sustentada por uma autoridade, seja individual ou coletiva. O método da autoridade é recorrente na história, não

¹⁵ Nas palavras de Charles S. Peirce (1998, p. 14): “Our beliefs guide our desires and shape our actions”.

apenas nas ditaduras, pois mesmo em sociedades democráticas e no meio acadêmico é comum, pois econômico, o uso de referências, citações de autoridades. O método da autoridade é escolástico e tem sua utilidade prática na economia do esforço. O problema do método da autoridade é o engessamento das instituições e da sociedade. Embora útil, o método da autoridade inibe a inovação. O **método *a priori*** fundamenta-se na razão abstrata, na pura razão. É o método dos filósofos do racionalismo abstrato como Platão, Leibniz e Descartes. Baseado na dedução hipotética, tal metodologia exige menor consumo de matéria e energia, sendo mais econômico. Como diz Peirce, no artigo já citado de 1877, entre um matemático e um químico, o custo da experiência matemática é bem menor, pois custa apenas pensamento, já a experiência do químico tem um custo material muito maior. O problema do método *a priori* é que ele não é falseável, não admite a contraprova fática que possa refutá-lo.

O método científico baseia-se em uma premissa realista: a realidade existe e independe da nossa vontade e pensamentos. O realismo metafísico está na origem do método científico. A outra premissa do método científico é o falibilismo: uma teoria só será científica se puder ser falseada, contraditada pelos fatos. O falibilismo, a doutrina da falibilidade humana em conhecer, é uma decorrência lógica da metafísica realista. Nesse particular, é curioso como Charles S. Peirce antecipou em praticamente cem anos a tese de Karl Popper da falseabilidade como critério básico da cientificidade de uma teoria. A revisão pela sociedade dos investigadores é o que completa o método científico, a ciência é um empreendimento social, ainda que as descobertas e teorias sejam formuladas por indivíduos. O conhecimento da realidade sobre a qual as teorias científicas predicam é validado socialmente, não por qualquer grupo social, mas pela sociedade dos investigadores, dos estudiosos daquele domínio do conhecimento. Assim, são características essenciais do método científico: (a) **Realismo metafísico**: o real existe independente do pensamento; (b) **Falibilismo**, uma teoria só é científica se for falseável (Popper), contraditável pelos fatos; (c) **Revisão pela sociedade dos investigadores**, os resultados e métodos usados na pesquisa devem ser públicos e passíveis de revisão pelos especialistas da área. O método científico é o único dos métodos de fixação de crenças que presume a falibilidade humana em conhecer a realidade. Os outros métodos listados simplesmente ignoram a realidade (tenacidade e autoridade) ou presumem a infalibilidade humana em conhecer (*a priori*). A ciência presume o pecado humano do conhecimento: o erro; e busca meios de corrigi-lo. A realidade se revela, paulatinamente, pelo depósito comum das

experiências socialmente compartilhadas (*community of inquiry*), por meio da práxis investigativa.

CONCLUSÃO

O Pragmatismo, primeira filosofia genuinamente estadunidense, emergiu no sec. XIX nos Estados Unidos, em um contexto de ascensão do evolucionismo darwinista e do positivismo científico. O Pragmatismo foi um termo criado por Charles S. Peirce, mas popularizado por William James e John Dewey, que tiveram mais influência no meio acadêmico norte-americano que o primeiro. Assim, ao se abordar o Pragmatismo deve-se ter o cuidado sobre qual Pragmatismo estamos abordando. O mais correto é se falar em Pragmatismos: o Pragmatismo de Peirce, de base científica e de metafísica realista informado pelo sinequismo, a doutrina da continuidade da realidade; o Pragmatismo de William James, psicológico e empirista, aquele que adquiriu maior popularidade e capilaridade no meio cultural americano; o Pragmatismo de John Dewey, de caráter instrumental, democrático e pedagógico. Sem falar no Pragmatismo jurídico de Oliver Wendell Holmes Jr., ou nos neopragmatistas que se seguiram ao longo do sec. XX e suas implicações para a filosofia analítica.

Enfatizamos o termo Pragmaticismo, formulado por Peirce, para distinguir o Pragmatismo realista peirciano dos demais pragmatismos de base nominalista. O Pragmaticismo é antes de tudo um método que parte de uma metafísica realista (o real existe e independe da mente humana), cuja fenomenologia, baseada na experiência, constata que a continuidade é a propriedade constitutiva e estruturante da realidade e que o Falibilismo é uma decorrência lógica e metodológica a informar as metodologias das ciências especiais (as várias ciências possíveis). Assim, o Pragmaticismo é realista; e o Pragmatismo, nominalista. Mais ainda, o Pragmaticismo não apenas é realista mas mesmo antinomialista. O Pragmaticismo é um método antinomialista, não apenas anticartesiano. Charles S. Peirce identifica no nominalismo o vício filosófico da modernidade: individualista, materialista e que tem na subjetividade mentalista o critério último da realidade. O Pragmaticismo é o método de análise do conteúdo intelectual de um conceito, em um sentido mais lato, é o método de análise do conteúdo experiencial dos signos. Ao constatar a continuidade metafísica da realidade – que cresce em um grau paulatino de abstração e generalidade –, e a semiose como a ação inteligível dos signos, o Pragmaticismo abre um novo limiar epistêmico: o conhecimento é irreduzivelmente semiótico e tridimensional, não havendo mais espaço epistemológico para soluções totalitárias de índole objetivista ou subjetivista. O Pragmaticismo inaugura a era do

paradigma semiótico: contínuo, sígnico, relacional, falibilista e consensual. A capacidade de entendimento humano é parcial e falível, a metodologia da ciência presume a falibilidade em conhecer, a ciência é, dentre os vários métodos conhecidos, aquele mais compatível com a continuidade da realidade e a falibilidade da inteligência humana. O Pragmaticismo é, nesses termos, a Filosofia da Práxis constituindo uma epistemologia e metodologia da práxis, da experiência contínua, aferível e compartilhada.

A **Trilogia peirciana: continuidade** (*continuum*), **semiose ilimitada** e **falibilismo**, são os conceitos-chave para se entrar no complexo, labiríntico e admirável universo da Filosofia peirciana: o Pragmaticismo; como um conto borgiano, repleto de continuidades e recursividades, em que a aparente inconciliabilidade entre a escolástica de Duns Scotus e o idealismo kantiano se encontram e se conciliam, superando o escolástico e o moderno, abrindo as veredas do pós-moderno. Filosofia que dialoga com a Ciência, em que o conceito matemático de infinito de Georg Cantor adquire significado filosófico e sobriedade metafísica. Edificando o Pragmaticismo (epistemologia da práxis) no prisma filosófico que refrata as luzes do conhecimento não para cindi-lo, mas para explorar seus elementos constitutivos e torná-los inteligíveis por meio da contínua práxis investigativa.

REFERÊNCIAS

COLAPIETRO, Vincent Michael. **Glossary of semiotics**. New York: Paragon House, 1993.

CONTINUITY. *In*: PEIRCE, Charles Sanders. **The Commens Dictionary**: Peirce's terms in his own words. Edited by Mats Bergman and Sami Paavola. New Edition, Helsinki, Finland, 2014. Disponível em: <http://www.commens.org/dictionary>. Acesso em: 1 set. 2025.

DEELY, John. **Semiótica básica**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

DE LIBERA, Alain. **La cuestión de los universales**: de Platon a fines de la Edad Media. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2016.

FEIBLEMAN, James. **An introduction to Peirce's philosophy**. Interpreted as a System. London: George Allen & Unwin LTD, 1960.

IBRI, Ivo Assad. O significado de primeiridade em Schelling, Schopenhauer e Peirce. **Cognitio**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 223-234, jul./dez. 2008.

MARQUES, José Francisco C. **Introdução à teoria dos números**: fundamentos da matemática. Piracicaba: Unimep, 1993.

PEIRCE, Charles Sanders. **Chance, love and logic**: philosophical essays. Edited and introduced by Morris R. Cohen; with an essay by John Dewey. Lincoln, Nebraska: Bison Books Edition, University of Nebraska, 1998.

PEIRCE, Charles Sanders. **Writings of Charles Sanders Peirce**. A chronological edition, Volume I. Bloomington: Indiana University Press, 1993.

SILVA, Adélio Alves. **Considerações sobre primeiridade e continuidade na fenomenologia de Charles S. Peirce**. São Paulo: Lua Nova, 2010.